

No-país-do-tempo-que-foi: os quintais de Ernesto Lara Filho

Andrea Cristina Muraro*

Resumo: Na obra do poeta angolano Ernesto Lara Filho, a representação literária da cidade de Benguela é privilegiada, bem como a infância e seu espaço de evocação: o quintal. Em virtude disso, neste texto, observa-se seu projeto estético, a saber: peculiaridades da biografia do autor e intertextos, filiados ao macrossistema de literaturas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Ernesto Lara Filho. Espaço. Infância. Literatura angolana.

Carlos Ervedosa no seu *Roteiro da Literatura Angolana* (1979, p. 81) conta-nos algo sobre os escritores de Benguela:

Além de Luanda, só mais um centro populacional nos daria, até agora, contributo valioso para uma literatura de feição angolana. Foi a plurissecular cidade de Benguela, irmã gêmea de Luanda, onde, no contacto prolongado de duas etnias, se criaram as condições para uma literatura diferenciada, reflexo da sociedade típica que lhe deu origem.

E este contato já foi amplamente representado, desde o início da literatura angolana ainda no século XIX, para encenar o local em que os escravos vindos do mato a espera de serem embarcados pelo tráfico, isto é, como um espaço

* Professora doutora da Universidade de São Paulo – USP.

significativo das relações, e tensões, em um primeiro momento, comerciais, como narrou Pepetela em *Yaka*, por exemplo.

Ou um pouco mais adiante, ao início do século XX, como demonstra Alfredo Margarido (1980, p. 396-7) em algumas de suas notas:

Os africanos indistintos, de que só conhecemos a origem e a profissão, estão instalados nos quintais, nunca em casas. Estas são reservadas aos brancos, ou aos mestiços, ou ainda aos africanos integrados no sistema de valores brancos. [...] Quer dizer que os africanos se encontram encerrados num espaço fechado, o quintal, que é todavia uma parte da natureza, pois não existe nenhuma cobertura, associando este grupo aos valores naturais. O quintal é assim vizinho da civilização, mas não ainda civilização [...] O que, na lógica do romance, se pode compreender como uma oposição nítida entre os 'homens da natureza', carregadores, serventes e agricultores, e os 'homens fora da natureza', que são essencialmente comerciantes, proprietários e membros da administração.

No entanto, aqui me restrinjo a pensar um pouco sobre Benguela através de uma breve leitura de poemas escritos entre 1959 e 1960, da obra *Picada de Marimbondo*², de Ernesto Lara Filho.

Poeta benguelense, nascido em 1932 e falecido em 1977, foi cronista ativo entre as décadas de 50 e 60, tendo vivido na infância no Huambo e no Lubango, além de Benguela. Concomitantemente, durante certo tempo, também exerceu a função de regente agrícola, o que o fará aprimorar um olhar crítico sobre as condições em que viveram não só as populações de Angola e de outros lugares onde esteve a trabalhar.

É produzindo crônicas para os principais jornais, da então província de Angola, que Lara Filho dá contorno ao seu projeto literário, cuja característica centra-se marcadamente por uma militância cotidiana, e pode-se dizer *a conta gotas*. Em cada crônica publicada, fez-se urgente o que logo viria a culminar no fevereiro de 1961, com o início da luta de libertação nacional. Fato ocorrido, quando Lara Filho partia mais uma vez para o Huambo. Mais tarde em 1962, diante das perseguições da polícia política, foi para o exílio na Europa.

² *Picada de Marimbondo* é publicado em 1961; *O Canto de Martrindinde e Outros Poemas Feitos no Puto* em 1964; *Seripipi na Gaiola* em 1970. *O Canto de Martrindinde*, com primeira edição de 1974, é uma compilação das três obras anteriores. As datas ao fim dos excertos referem-se à edição angolana de 1987.

Para Lara Filho, o desejo de um nacionalismo inadiável – já expresso pelas gerações anteriores por Alexandre Daskálos, Aires de Almeida Santos, Agostinho Neto e sua própria irmã Alda Lara, – o coloca sob o signo da censura, já que várias vezes foi exonerado tanto do jornalismo quanto da função de regente agrícola, por se opor aos desmandos do colonialismo português e por isso ser voz discordante do sistema vigente. Sua estada entre 1959 e 1960 em Portugal, o fará retornar a Angola, como um jornalista popular e de olhar apurado, já o poeta em construção, tira da matéria jornalística alimento para uma poesia de profundo saudosismo, tema este que perpassa uma de suas crônicas publicadas no *Jornal de Angola*:

Senhor de muitos anos – apesar de só ter vinte e oito – eis aí o meu território, onde eu mando é no país-do-tempo-que-foi. Porque eu fui muito feliz, fui tanto feliz que ando sempre com a saudade de outros tempos roendo dentro de mim. Fui menino feliz de calções curtos e comandante de castelos, capitão de muitas equipas de futebol. Fui menino de fisga no bolso, capitão de assaltos a quintais e rei de um reino que nunca mais possuí. Que perdi nas dramáticas batalhas da vida [...] passado, esse é meu, doentamente triste, tristemente alegre para mim. É o meu ópio, a minha liamba, esta recordação permanente, esta saudade ingente que me magoa [...]. Não me critique por eu ser saudosista. Compreenda como eu não quero viver o vosso tempo, porque não presta, porque é um tempo em que os homens como eu não são classificados por aquilo que valem [...] (Ano 8, Luanda, 24/12/1960, n. 92, p. 20).

Se por um lado, há uma maturidade por conta das experiências acumuladas nos dois ofícios e nas dificuldades, principalmente financeiras, que encontrou ao tentar concluir a graduação na Europa, há por outro, a saudade de Benguela, cingida particularmente ao espaço do quintal, tantas vezes privilegiado em seus versos, e depositário da evocação de infância, também, palco das relações sócio-históricas e dos avanços da urbanidade, como se pode verificar em “*Regresso*”, dirigido à irmã Alda Lara:

Um dia
quando voltares,
não mais encontrarás à tua espera
a nossa casinha de adobe
da rua principal.

Quando voltares
da Europa, irmã,
hás-de ver ainda
como a cidade mudou...

(Lembras-te das promessas
que fizemos?)
[...]
Quando voltares
não mais encontrarás poesia
no quintalão do Zé Guerra
agora transformado
atravessado
assassinado
por uma avenida transversal.

Quando voltares
só terás
como deixaste
o Mercado Municipal.
[...]
“Lembras-te da palmeira
do quintal?
Foi abaixo com duas machadadas
no tronco...”

Um dia,
quando voltares,
não mais encontrarás
a Benguela que conheceste
menina ainda
e que aprendeste a amar.
[...] (1959)

Poeta atento às transformações da cidade de Benguela, Lara Filho não deixa de lançar mão de duas advertências a sua interlocutora: uma primeira, a de que outros tempos e espaços, vistos na ênfase com que repete o verbo “voltar”, irá encontrar a paisagem de suas recordações agora dilacerada por uma avenida que, a seu ver, macula um quintal e fez tombar uma palmeira; e uma segunda advertência, não explícita, mas que não deixa de ser um prenúncio de como a irmã também retornará mudada pela Europa, mais exatamente da Metrópole portuguesa; portanto, se há cidades que se contrapõem a Benguela em meio aos seus poemas, com certeza ela está inscrita pela palavra “Europa”, mas como sabemos poderiam ser quaisquer das cidades para onde iam estudar os angolanos (Lisboa, Coimbra, Porto...). E não necessariamente Luanda, como disse Ervedosa, pelo menos no que diz respeito à crônica e à poesia de Lara Filho.

Feita esta contextualização, destaco alguns dos versos de “A casa da velha”, de 1959:

A casa da velha Rosa
fica à entrada do bairro
mesmo ao fundo da rua.

No barro da estrada
há sempre uma criança
negra
que brinca
nua.

Em volta do cercado
que serve de quintal
junto com o muro de adobe
há mandioca e feijão
plantados
sem defesa contra a erosão.

É de se notar a concisão e a linguagem límpida, embora coloquial, que relaciona duas cenas cotidianas (a criança negra que brinca nua no barro e a subsistência vinda do quintal), marcando o corpo do poema com estratégia de cronista, que não só descreve o espaço interno e externo da casa, todavia coloca

em evidência as personagens (a velha e o menino) através de pequenas ações (brincar e plantar).

Ainda sobre a linguagem que muitas vezes assume a repetição como marca de sua literariedade, o trabalho do poeta assim como o do regente agrícola fundem-se em diversos poemas e elementos da paisagem, da zoologia e da botânica (pássaros e plantas) são evocados em tempo presente, com em “Maracujá”, também de 1959:

Juro por Deus que nunca vi
coisa mais linda no mundo
do que a flor violeta
do pé de maracujá
que eu plantei
na cerca do meu quintal.

Um dia
o maracujá
que eu plantei no meu quintal
cresceu
e floriu...

Para o leitor das literaturas de língua portuguesa, ouvem-se, nesse poema, as ressonâncias de estruturas semânticas e sintáticas vindas do Brasil – um Rubem Braga (no seu “Um pé de milho”) ou ainda um Manuel Bandeira (em “Evocação do Recife”) –, dos quais Lara era leitor confesso:

Sou uma espécie de brasileiro. Um angolano, nascido em Benguela, filho de pais minhoto. Um português de Angola, que conhece melhor Erico Veríssimo [...] do que Eça de Queiroz [...]. //Sou um angolano capaz de sentir o Brasil, capaz de recitar de cor um poema de Manuel Bandeira [...]. (1990, p. 61).

Tais ecos assumem a permanência de um olhar voltado para o cotidiano na produção poética de Lara, como em “Infância perdida”, de 1960, que considero o mais emblemático dos poemas da obra *Picada de Marimbondo*, não só por dialogar com dois outros poetas desse sistema literário, a saber: o poeta Aires e seu poema da “Rua Onze” e Agostinho Neto de “A Sagrada Esperança”.

A importância desse poema reside, sobretudo, no fato dos espaços elencados serem basicamente o corpo do poema, e por isso assinalarem um mapa de Benguela, um mapa da infância, onde lá estão: *a loja do Guimarães, o Mercado de Benguela, a horta do Lima Gordo no Cavaco, a escola, as andanças de bicicleta, as traineiras na praia, o jogo de sueca embaixo da mandioqueira, Dona Mafalda – mãe de Miau – que trabalhava nos Correios, o Saldanha mulato jogador de futebol do Portugal e empregado do Banco, as casuarinas na Praia Morena, a melhor quissângua de Benguela era no Bairro por detrás do Caminho-de-Ferro.*

Espaços estes que o poeta transforma em quintal, todos os espaços ganham o tom da ternura perdida, porém sem deixar de ser reiteradamente reivindicada:

Era no tempo do visgo
que a gente punha na figueira brava
para apanhar bicos-de-lacre e seripipis
os passarinhos que bicavam as papaias do Ferreira Pires
que tinha aquele quintalão grande e gostava de meninos.

Era no tempo dos doces de ginguba com açúcar
[...]

Vê-se, na inclusão das vozes do passado, uma certa oralidade na construção sintática de forma singular, todavia representativa do plural: “a gente”; o amigo Edelfride, de apelido Miau no futebol, assemelha-se a um mesmo ser, o poeta e o menino atrelados pela memória.

Desta forma, a vivificação da memória do poeta é marcada temporalmente por aquilo que é natural: *o tempo do visgo, o tempo dos tamarineiros em flor*, portanto, um tempo que se relaciona ao que Alfredo Margarido explicava ao se iniciar este texto – um tempo sem calendário, o tempo da natureza. Além de ser simultaneamente o tempo doce da infância, do amendoim com açúcar.

Contudo, ressalto que é a Europa que o tira do conforto sereno da infância:

Foi então que a vida me levou para longe de ti:
parti para estudar na Europa
mas nunca mais lhe esqueci, Edelfride,
meu companheiro mulato dos bancos de escola
porque tu me ensinaste a fazer bola de meia

cheia de chipipa de mafumeira
Tu me ensinaste a compreender e a amar
os negros velhos do Bairro Benfica
[...]
Diz a tua mãe
que o menino branco
um dia há-de voltar
cheio de pobreza e saudade
cheio de sofrimento
quase destruído pela Europa.

Ele há-de voltar
para se sentar à tua mesa
e voltar a comer contigo e com teus irmãos
e meus irmãos
aquela moambada de domingo
com quiabo e gengibre
aquela moambada que nunca mais me esqueci
nos longos domingos tristes e invernais da Europa
ou então
aquele calulu de Dona Ema.

Diz a tua mãe, Edelfride,
que ela ainda me há-de beijar como fazia
quando eu era menino
branco
bem tratado
quando fugia da casa de meus Pais
para ir repartir a minha riqueza
com a vossa pobreza.
Diz tudo isso a toda a gente
que ainda se lembra de mim.
[...]

Nessa passagem, é bastante evidente como o eu-lírico toma a casa de Edelfride e o Bairro Benfica como um seu “quintal”, no sentido de que encontra conforto e aprendizagem, também, nestes outros espaços do contato de duas etnias (como disse Ervedosa), embora a meu ver, este quintal alargado de sua própria casa seja construído, na sua maioria, em tensões binariamente sociais (mulato/branco, pobreza/bem-tratado; tua mãe/meu Pais, moambada

de domingo/domingos inverniais, Europa/Benguela). Mas, não só tensões, há sinais de relação, como na construção “repartir a minha riqueza com a vossa pobreza” ou ainda em “com os teus irmãos e o meus irmãos”.

Embora haja um certo pessimismo no título (infância perdida) e um saudosismo premente (nos personagens destes quintalões), não há evasão. Para o eu-lírico, há a crença no devir, há apelo ao futuro nos versos finais:

Diz aos mulatos e brancos e negros
que foram nossos companheiros de escola
que te escrevo este poema
chorando de saudade
[...]
de Esperança, de Esperança
porque ela
a Esperança
(como dizia aquele nosso poeta
que anda perdido nos longes da Europa)
está na Esperança. Amigo.

Entre a crônica e a poesia de Lara Filho, ficam aqui alguns esboços daquele cotidiano, marcado pela “picada” ardente do “marimbondo”, e pela experiência que quiçá, ainda esteja a zunir pelos quintais de Benguela e não só num país de um tempo que foi.

Abstract: In the work of the Angolan poet Ernesto Lara Filho, literary representation of Benguela is privileged, as well as childhood and his evocation of space: the backyard. As a result, we will observe in this text his design aesthetic, namely: peculiarities of the author’s biography and intertexts, coupled with the macrosystem of literatures in Portuguese.

Key-words: Ernesto Lara Filho. Space. Childhood. Angolan literature.

BIBLIOGRAFIA

ERVEDOSA, C. *Roteiro da literatura angolana*. 2ª ed. Luanda: UEA, 1979.

LARA FILHO, E. *O canto de Martrindinde*. Luanda: UEA, 1987.

_____. *Crónicas da Roda Gigante*. Porto: Afrontamento, 1990.

MARGARIDO, A. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo, 1980.